



Discurso do Presidente do IEDI, Sr. Eugênio Emílio Staub, na comemoração dos 10 anos do IEDI, em 21/06/99.

Sr. Senador Fernando Bezerra
Presidente da CNI e nosso convidado especial

Srs. Deputados Antonio Delfim Neto
Antonio Kandir
membros do Fórum IEDI

Sr. Horácio Lafer Piva
Presidente da FIESP, nosso convidado especial

Membros do Fórum IEDI
Conselheiros Eméritos do IEDI
Abraham Kasinsky e José Ermírio de Moraes Filho, que também foi o primeiro
Presidente do Conselho do IEDI

Conselheiro Paulo Cunha
Segundo Presidente do Conselho do IEDI

Paulo Francini – Diretor Geral do IEDI

Conselheiros, Ex-Conselheiros e novos Conselheiros do IEDI.

Representantes da Imprensa, nossos convidados especiais que muito nos honram
com sua presença.

Júlio Sérgio Gomes de Almeida – Diretor Executivo do IEDI

Membros do Corpo Técnico do IEDI

Senhoras e Senhores.

Na metade da década de 80 alguns empresários industriais – no início éramos apenas quatro – estavam inquietos e começaram a se reunir.

Era fácil fazer algumas constatações importantes.

O Brasil estava sendo redemocratizado; um longo ciclo de desenvolvimento apoiado na substituição das importações estava encerrado; o Brasil deixara de crescer; a dívida social começava a se tornar preocupante; a globalização estava em marcha; as novas tecnologias produziam grande impacto nas organizações e nas sociedades e, o mundo estava em transformação.

Julgávamos que era nosso dever contribuir para uma nova e melhor realidade para o País.

Nossa convicção básica era de que, no campo econômico, o Brasil havia perdido sua visão de futuro.

A esse núcleo inicial foram se juntando outros empresários industriais, com iguais inquietações.

Tínhamos semelhante idade, nossa atividade era ligada à indústria e dentro dela tínhamos, todos, razoável êxito.

Nossa frustração era grande ao perceber o quanto o Brasil Real estava se afastando daquele País que desejávamos fosse construído na nossa geração.

Geração, essa, que teve na sua história a lembrança da figura nacionalista e populista de Getúlio Vargas, a vivência do Brasil grandioso sonhado por Juscelino Kubitschek, a percepção das sombras que foram se acumulando no período militar, a participação no grito pelo desejo de uma efetiva redemocratização do nosso País.

Nossa crença era de que a produção se constituía num polo insubstituível de geração de riqueza e, portanto, num veículo capaz de promover a melhoria das condições de vida da sociedade brasileira.

A esperança estava na idéia de que poderíamos contribuir para formular e implementar um Projeto Nacional.

Foi assim, que, há exatos 10 anos, estas emoções compartilhadas por 30 companheiros deram origem ao IEDI.

O IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial – teve, desde logo, uma organização “sui generis”.

A estrutura que implantamos em 1989 que, creio era inédita no País, pressupunha todos os sócios do IEDI no Conselho, com participação ativa, e uma estrutura profissional, contratada para dedicação integral ao instituto. Nos primeiros 8 anos o profissional que dirigiu o IEDI foi Mauro Arruda, aqui presente. De dois anos para cá, o competente economista, Júlio Sérgio Gomes de Almeida é o nosso Diretor

Executivo chefiando uma equipe interna que subcontrata, permanentemente, profissionais e institutos de pesquisa que nos apoiam na análise e na formulação.

Nosso propósito era, e continua sendo, promover em conjunto com a comunidade acadêmica, estudos e propostas que se enderecem aos nossos objetivos iniciais, devidamente sintetizados no termo desenvolvimento industrial. Nossa agenda teria que ser, e continua sendo, uma agenda de longo prazo, com questões macro, acima, muito acima, de nossos interesses individuais.

No ato da fundação do IEDI divulgamos um Manifesto aonde se expressava o desejo de renovação e o desejo de elaborar uma estratégia de crescimento qualitativamente diferente, num esforço de longo prazo. Constatávamos e, é bom que se diga, antes de alguém sonhar que Collor seria Presidente, que a “tarefa de modernização requer uma maior abertura comercial ao exterior, com a sua contrapartida financeira e tecnológica”.

Afirmávamos ainda “que as opções do mercado interno e externo devem ser colocadas no contexto da competitividade, isto é a elevação do padrão de vida interno, preservado o equilíbrio financeiro do balanço de pagamentos, a longo prazo”. Afirmávamos ainda, que a forma dessa inserção do Brasil na economia mundial iria exigir a discussão de opções estratégicas e a análise de experiências externas que eram o ponto de partida para um trabalho permanente.

A partir da sua fundação e do manifesto, o IEDI passou a trabalhar intensamente, ao longo de todos esses 10 anos. Seria impossível, em um curto pronunciamento, como desejamos que seja este, sequer resumir esses trabalhos. O documento que vamos entregar na saída contém uma síntese desse período.

Mas, alguns registros são importantes.

Logo após a fundação e do manifesto os 30 sócios fundadores do IEDI realizaram a sua primeira reunião, que teve a duração de 2 dias inteiros, para que fosse estabelecido um consenso a respeito dos desejos quanto ao que seria o nosso País no futuro. Desenhamos a “Visão Brasil 2010” que está contido no caderno que iremos distribuir. Ao me lembrar disso, não posso deixar de ter na memória a emoção e o entusiasmo de todos os Conselheiros do IEDI. Aliás, esta é uma das nossas marcas. Os trabalhos são realizados com a efetiva participação dos empresários do conselho que, há 2 anos cresceu para 40 Conselheiros e, que, a partir desse ato, será constituído por 45 membros.

Produzimos nesse período excelentes trabalhos, como, apenas por exemplo, “Finanças Industrializantes”, “Carga Fiscal, Competitividade Industrial e Potencial de Crescimento Econômico” ou “Modernização Competitiva, Democracia e Justiça Social”.

Mas, a verdade é que nesse trecho da história brasileira, nesses primeiros 10 anos do IEDI, concentramos nossos esforços em torno de valores que foram duramente combatidos pelo poder público. Nossas convicções de busca de transformações econômicas e sociais foram solapadas pela virulência de governos que preferiram trocar a capacidade inestimável de produção de riqueza brasileira pelo

fortalecimento de outros valores que rezam pela cartilha da globalização, a qualquer custo.

Quem não se lembra? Líderes políticos criticaram a produção nacional, categorizando setores geradores de riqueza e empregos como fabricantes de carroças.

Acompanhamos discursos de ética política e moral, que efetivamente não se confirmaram.

Fomos interpretados como dinossauros por formadores de opinião que, infelizmente, eram portadores de opinião equivocada.

Mas, tínhamos também alguns importantes aliados. Vou citar apenas um. No final do Governo Collor quando o processo de impeachment já estava em marcha, e era inexorável, produzimos o documento “Mudar para Competir – Modernização Competitiva, Democracia e Justiça Social”. Naquela oportunidade um desses nossos aliados fez questão dele mesmo levar ao Vice-Presidente Itamar Franco o pensamento do IEDI, com a marca de deus endosso. Era, o então Senador da República, Fernando Henrique Cardoso.

Mas chega de saudosismo porque o mundo real não perdoa.

Quero nesse ponto me voltar para o futuro. Mas, antes disso é importante constatar onde estamos, como País. Vou lhes apresentar alguns gráficos que são motivo para preocupação, reflexão e, principalmente motivo para redobramos os nossos esforços.

O Gráfico 1, mostra, um século de brilhante crescimento e final melancólico: a variação em cem anos, da Economia Brasileira, medida em cada década e em cada meio século. Verificamos de 1900 a 1949, na primeira metade do século o nível real da atividade econômica Brasileira, cresceu 4,5% anualmente.

Verificamos que na segunda metade, o PIB cresceu 5,3% anualmente. Olhando as colunas que se referem a cada década, verificamos uma certa consistência na primeira metade do século. A segunda metade desse século se divide em dois períodos distintos. Os três primeiros decênios apresentaram taxas elevadas de crescimento, como sabemos. Os anos 80, a chamada “década perdida” apresenta um queda muito sensível. Nos anos 90 todos esperávamos uma recuperação. Daí o período anterior ser chamado de década perdida. Pois bem, no atual decênio a taxa de crescimento se reduz à metade. Estamos encerrando o século melancolicamente. Porque depois da década perdida veio a década desperdiçada. O século como um todo é brilhante. Qual economia pode igualar uma taxa como 5% de crescimento secular? Mas, nos anos 90 nosso crescimento caiu para 1,5%.

O Gráfico 2 foi montado, para a 2ª metade deste século com, a variação anual em porcentagem do PIB, usando médias móveis trienais. Claramente, nota-se o ciclo JK, o ciclo do milagre e da industrialização pesada, o curto ciclo do Cruzado e o ciclo

do Real. Os ciclos, no final desse século, se tornam mais curtos e menos intensos. Pela primeira vez em 50 anos experimentamos alguns anos com taxa negativa. (A primeira é somente verificada em 1981!).

O Gráfico 3, seguinte, é igualmente interessante. Ele usa os dados anteriores onde a curva vermelha demonstra variação anual do PIB, a linha azul é a média do crescimento do PIB em 50 anos (próxima a 6%), e a curva preta é a linha de tendência. Esta mostra que a partir de 1980 nosso crescimento está em queda na perspectiva de longo prazo.

No Gráfico 4, com o Brasil apresentado acima de duas vezes o crescimento mundial, reduz-se o “GAP”. Tomamos um período dessa segunda metade do século. O período de 15 anos, que vai de 1965 a 1980 é o chamado o período do milagre brasileiro e da industrialização pesada que, não esqueçamos, contou com a primeira crise do petróleo, que abalou muitas economias do mundo. Pois bem, nesses 15 anos as economias de baixa renda cresceram uma média de 4,8% ao ano, as de renda média, 6,3% ao ano e as economias de renda alta, 3,8% ao ano.

Temos também os dados da América Latina da África Sub Saariana, do Sul da Ásia, e o leste da Ásia. A taxa média de crescimento mundial foi 4,1% e o Brasil, teve uma performance extraordinária, com crescimento médio de 7,8% ao ano.

Enquanto Estados Unidos, Japão e Alemanha apresentam respectivamente, 2,7, 6,6 e 3,3%.

O Gráfico 5, mostra o período seguinte, com o Brasil abaixo do crescimento médio mundial. Aumenta o “GAP”. Os dados estão organizados da mesma forma que o gráfico anterior para os anos 1980 a 1997 (17 anos). As economias de renda baixa, cresceram 4,2% ao ano, as de renda média 2,9% ao ano e as de renda alta 2,6% ao ano. O Brasil, que no lustro anterior, havia crescido 7,8% ao ano, cresceu apenas 2,2% ao ano, agora abaixo da média mundial quando no período anterior crescera duas vezes mais. Estávamos à frente e agora estamos atrás, na comparação internacional. Apresentamos uma taxa de crescimento comparável apenas à África Sub Saariana e à Alemanha que enfrentou, nesse período, o problema da reunificação.

No Gráfico 6 avaliamos alguns dados per-cápita, e que demonstram o atraso do Brasil no que diz respeito à indústria. São dados dramáticos. Comparamos o Valor Adicionado da Indústria, per-cápita, no Brasil em relação aos Países desenvolvidos, em 4 períodos distintos. Em 1970 o valor adicionado per-cápita da Indústria Brasileira em relação aos Países desenvolvidos era 16%. Nesse gráfico os Países desenvolvidos representam 100%. Em 1980 aumentamos para 25%. Progredimos com relação ao mundo desenvolvido. Em 1990 havíamos caído para 17% e, em 96, o último dado de que dispomos, já havíamos caído para 15%. Isso mostra a perda relativa da nossa indústria.

O Gráfico 7 seguinte trata do retrocesso dramático do PIB per-cápita nos últimos 20 anos. Na segunda metade desse século, a média histórica do período –1950 a 1999 é 2,8% de crescimento do PIB per-cápita anual no Brasil.

De 50 a 79 ou seja, nos primeiros 30 anos, crescemos acima 4,4%. De 79 a 99, nos últimos 20 anos, crescemos apenas 0,5%. Os dados deste gráfico estão também organizados por decênio e aí se verifica que, nos anos 90, ou seja, nos últimos 10 anos do século o nosso crescimento do PIB per-cápita é 0,1% contra 0,8 na chamada década perdida. Organizando os mesmos dados em grupos de 5 anos, verificamos que na primeira metade dos anos 80 o crescimento foi negativo em 0,7; na segunda metade o crescimento foi perto da média histórica. Na primeira metade deste atual decênio caímos para menos 0,2% e finalmente nesses anos que estamos vivendo, após o Real, apenas 0,4% positivos.

Olhando agora o Gráfico 8 verificamos que o mau desempenho da economia, nos últimos 20 anos, se deve essencialmente ao mau desempenho da Indústria. Neste período, de 50 a 79 a taxa de crescimento nunca foi inferior a 6%. Nos últimos 20 anos, tomado-os a cada 5 anos, foi de – 0,5%, depois + 3.9, + 0,1 e 0.3, ou seja quase nada.

Como estamos em relação aos demais países do mundo? No ano passado o IEDI fez profundo estudo das práticas de política industrial de uma coleção de Países: onze Países muito representativos, doze com o Brasil. Comparamos esses mesmos Países em termos de produto nacional bruto per- cápita para o ano de 1997, último dado disponível no Banco Mundial.

Chegamos ao Gráfico 9. As economias de renda alta, tem o PNB per-cápita de US\$ 26 mil. A Korea que, há 25 anos, estava muito atrás do Brasil, tem mais que o dobro de PNB per-cápita do Brasil.

O Brasil agora se encontra quase 10% abaixo da média mundial.

Um País com as dimensões do Brasil, com a desigualdade social que temos, não pode se dar ao luxo de apresentar crescimento próximo de zero e de viver de pequenos ciclos de euforia seguidos de recessão.

No último Gráfico, 10, fazemos algumas projeções sobre o desafio para frente. Admitindo duas metas, arbitrárias, de PIB per-cápita, um de US\$ 7 mil e outro de US\$ 10 mil, calculamos as taxas de crescimento de PIB necessárias para atingir essas metas. Lembramos que US\$ 7 mil de produto per-cápita é apenas metade do PNB per-cápita da Espanha em 1997 e que US\$ 10 mil nos colocaria na posição da Korea, também em 1997. Se quisermos atingir essas metas em 10 anos, temos que crescer a 8.2% para chegar a US\$ 7 mil ou 12,1% para chegar a US\$ 10 mil, taxas que sabemos difíceis na atual conjuntura. Se quisermos atingir essas metas em 20 anos, temos que crescer respectivamente a 4,5% e 6,4%, mais próximo do que seria possível, se o País se reencontrar. Se quisermos atingir essas metas em 25 anos, temos que crescer respectivamente a 3,8% e 5,3% ao ano.

De todo o exposto conclui-se que o Brasil vai muito mal.

Isto sem termos abordado:

- O grave problema do déficit fiscal acentuado com o escandaloso déficit da Previdência de Funcionários Públicos, por si só quase 2% do PIB.
- Um sistema tributário arcaico que engessa a produção e a modernização.
- E, tristemente, a constatação de que todos esses indicadores, por piores que sejam, ainda mascaram uma grande desigualdade social e a pobreza absoluta de uma porcentagem elevada demais de nossa população.

Mas, há também pontos positivos nestes últimos 10 anos. Registro que ganhos importantes ocorreram no campo da estabilização, das privatizações, nos ganhos de produtividade e na abertura de nossa economia.

Julgamos, porém, que antes de comemorarmos as vitórias, nossa contribuição principal é focalizar nos problemas maiores com que nos defrontamos.

Para avançar é preciso que o Brasil passe a formular, com autonomia, o seu projeto futuro: um novo Projeto Nacional. É preciso que se implante essa nova estratégia com eficácia, que se faça isto com ousadia e com forte vontade política.

Temos que ser profissionais. Esse é o desafio do Brasil.

Precisamos, também, rebater falsas premissas da nova ordem econômica mundial que demonstram grandes fragilidades. Uma delas é “o mundo globalizado é, antes de tudo, justo e os Países praticam o livre mercado com absoluta integridade, desejando mais do que nada o bem estar da sociedade mundial.”

Outro conceito, igualmente insustentável, é de que “as forças do livre mercado tudo organizam não cabendo ao Governo papel ativo direcionado à atividade econômica além de patrocinar a liberalização continuada interna e externamente”.

Dentro dessa ótica, também não há diferença entre empresa de capital nacional ou estrangeiro, a não ser o de que as empresas estrangeiras são mais confiáveis e merecem maior crédito por conta de sua maior capacidade financeira.

Ora senhores, essas premissas estão tão superadas quanto está, hoje, o nosso antigo modelo de desenvolvimento. É preciso encontrar novos caminhos.

A globalização, o avanço alucinante da tecnologia e, as mudanças políticas importantes que ocorreram no mundo nesses últimos 10 anos, mudaram significativamente a realidade.

Com a globalização que, aliás, é inexorável, os Países, que entre si sempre foram e sempre serão competidores, ganharam outras armas. Os mais espertos avançaram

e os mais ingênuos regrediram. Não hesitamos em afirmar que o Brasil tem sido um dos países perdedores nesse processo. Cabe a nós brasileiros tirarmos partido da globalização de forma a trazer benefícios para o País, defendendo os nossos legítimos interesses.

Não podemos nos dar ao luxo de sermos incompetentes ou atrasados.

E o que está fazendo o IEDI nesse cenário?

Para tentar reverter os efeitos da Década Perdida e da Década Desperdiçada o IEDI desenvolveu um dos mais amplos estudos já realizados, no País, sobre a Política Industrial.

Conseguimos desmistificar o óbvio: os Países “Globais” mantêm instrumentos eficazes de defesa de sua produção. Só o Brasil, pretendendo inserir-se na Globalização, fez o contrário.

A partir desse trabalho apresentamos, no fim do ano passado, um conjunto de sugestões ao Governo e ao Legislativo, apontando caminhos para reverter o processo de colapso econômico de um País que havia demonstrado grande vocação para o vigor econômico.

Destaco as seguintes sugestões que, repito resultaram em um profundo estudo do que se faz em outras partes do mundo, principalmente nos Países de sucesso.

- 1) O Brasil, e especialmente o seu Governo, devem ter clara vocação dirigida ao crescimento.
- 2) O Governo deve exercer papel fundamental e ativo na formulação e implementação de um projeto de desenvolvimento.
- 3) Para exercer esse papel o Governo deve estar aparelhado para esta função, que por sua natureza e multiplicidade de aspectos, é bem mais complexa do que a gestão de qualquer Política Monetária. Estar aparelhado significa evidentemente correta distribuição dos espaços de poder.
- 4) A parceria do setor público e privado é essencial em um projeto de desenvolvimento, o que resulta na ordenação dos agentes e na institucionalização do seu relacionamento.

O interesse nacional não pode ser definido apenas pelo Governo, não pode apenas ser definido pelo setor privado e não pode ser definido apenas pela classe política. A construção de um novo Projeto Nacional que promova o interesse nacional é fundamental e esse precisa ser um trabalho conjunto das elites.

Aliás, a FIESP acaba de realizar ótimo trabalho nesse campo de parceria com o Governo.

- 5) Às recomendações acima seguem outras já mais dirigidas para aspectos específicos de Política Industrial tais como: tecnologia, financiamento, pequena e média empresa, comércio exterior, educação, políticas regionais etc...
- 6) Um dos pontos fundamentais dizia respeito às condições macro econômicas necessárias para o desenvolvimento das atividades produtivas. Dentre elas destacavam-se as taxas de cambio e de juros. Aos trambolhões passamos, ou estamos passando, por um inevitável ajuste da nossa antes irreal taxa de cambio. Abrem-se perspectivas mais aceitáveis para a nossa taxa de juros.
- 7) E mais, continuamos rejeitando o falso dilema: estabilização ou desenvolvimento. Essa discussão é ridícula e remete à idéia de que países estabilizados não crescem e países que crescem não são compatíveis com moedas estabilizadas. Ora, quase todos os países do mundo tem uma moeda estabilizada e os países do mundo tem na média, como vimos, um taxa de crescimento superior à taxa brasileira. Precisamos abandonar essa discussão que é uma manifestação de subdesenvolvimento.

Como vêem, o IEDI procura fazer o seu papel.

Os empresários precisam e querem participar desse processo de discussão e construção do Novo Projeto Nacional.

Dentro do IEDI, apesar de justificados motivos para enorme frustração continuamos tenazmente discutindo esses temas e procurando avançar.

Somos obstinados na busca do interesse do País. Somos obstinados industriais que crêem firmemente que a produção traz riqueza.

Finalizo com um exemplo claro do que eu quero dizer. O nosso sócio emérito Abraham Kasinsky, com 82 anos acaba de se lançar em um novo projeto industrial. Sabemos que ele já fez antes a maior empresa brasileira de auto peças, sabemos que tantas vezes andou “comendo o pão que o diabo amassou”, sabemos também que nenhuma necessidade financeira o inspira. Mas sabemos, sobretudo, que ele não tem opção. É, como todos os demais sócios do IEDI, um irremediável viciado na geração de empregos e de riquezas .

Gráfico 1

Brasil - Cem Anos de Economia
Taxa Média de Variação Anual Para Períodos de 10 Anos - %

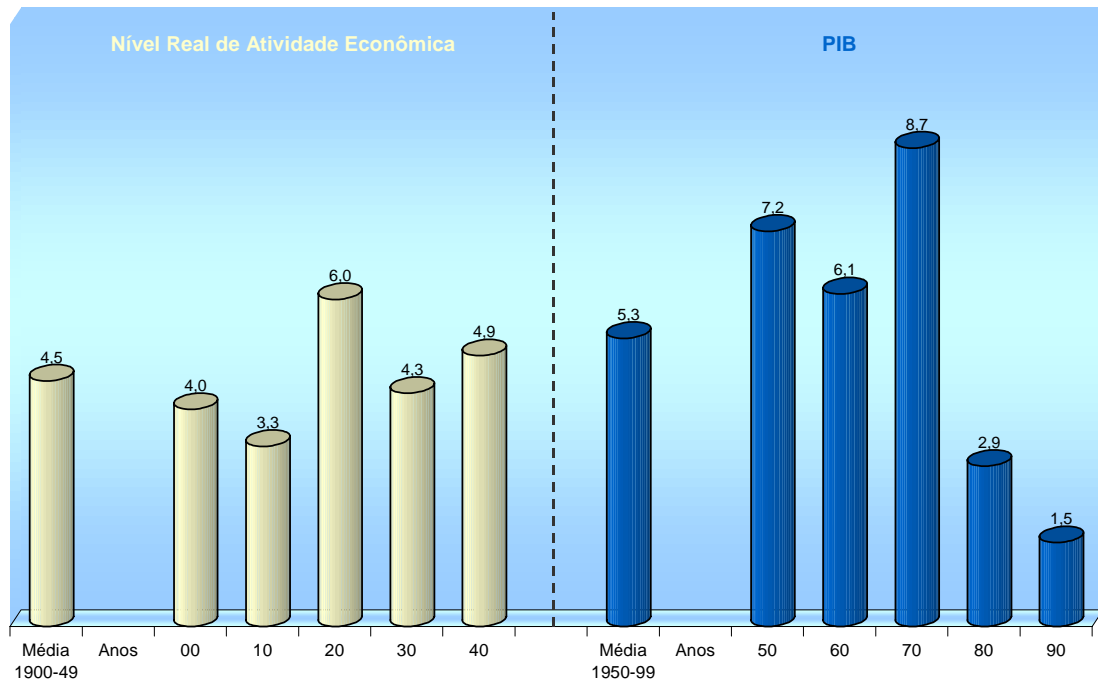


Gráfico 2

PIB - Brasil
Variação Anual em % (Médias Móveis Trienais)

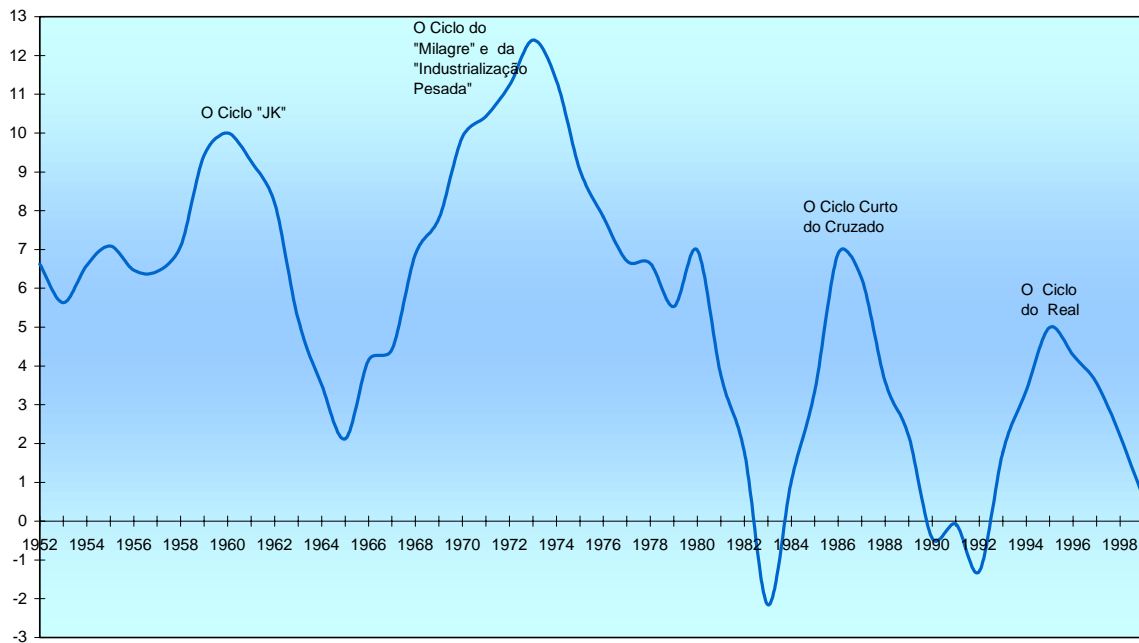


Gráfico 3

Brasil - Evolução do PIB - %

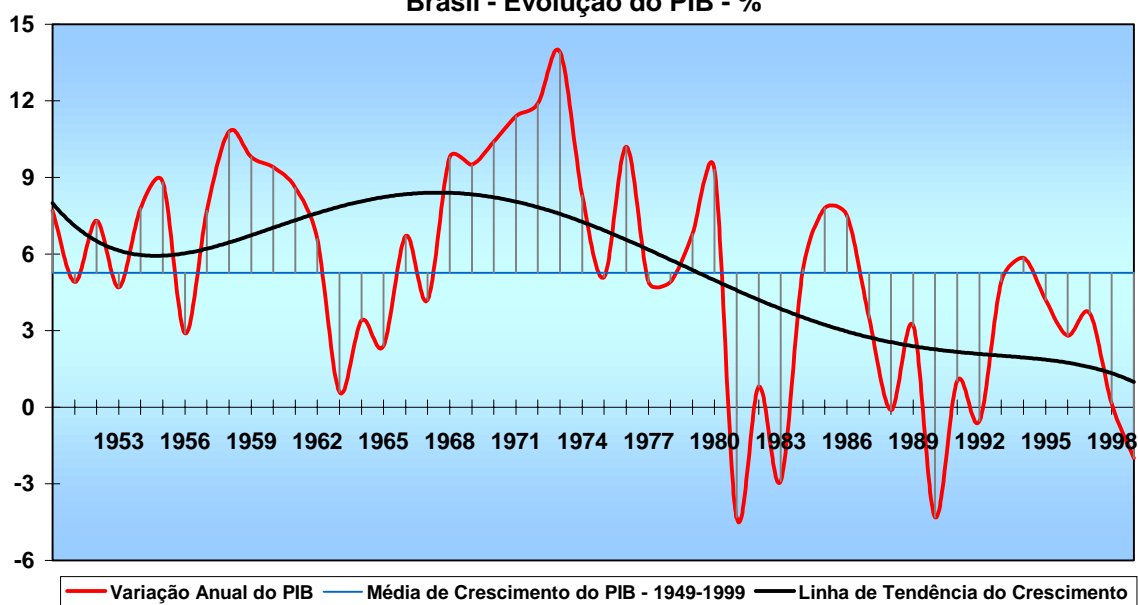


Gráfico 4

PIB
Taxa Média de Variação Anual - 1965 -1980 - %

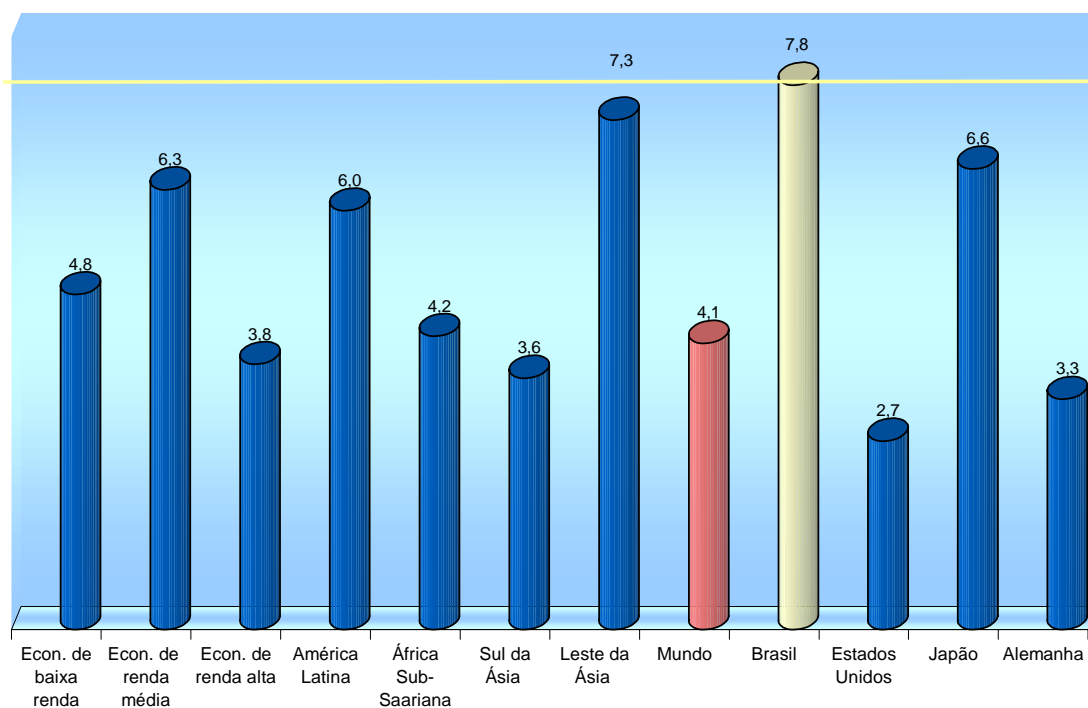


Gráfico 5

PIB
Taxa Média de Variação Anual - 1980 - 1997 - %

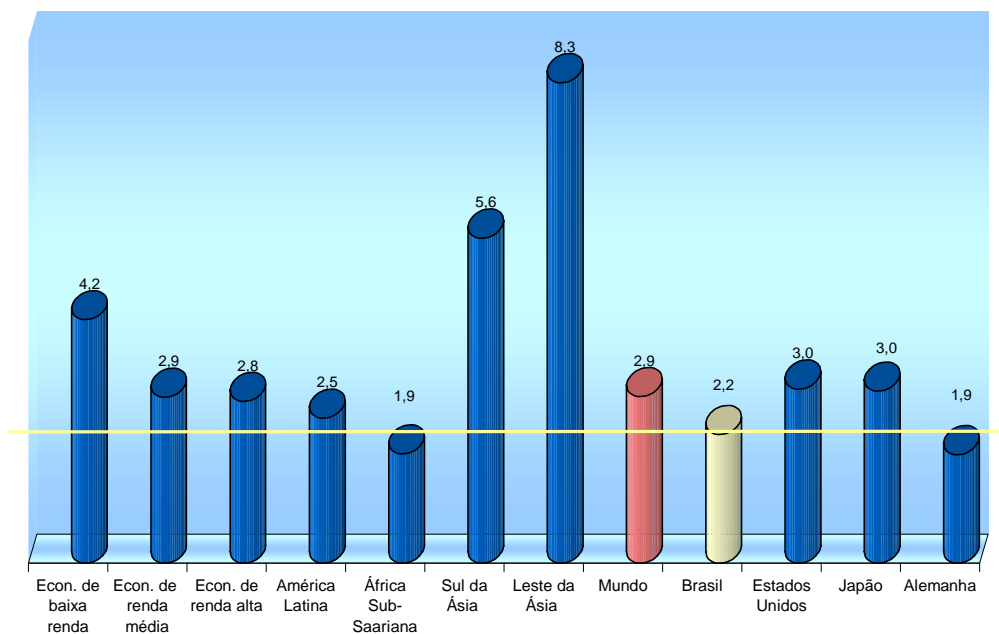


Gráfico 6

Brasil - Valor Adicionado da Indústria (VAI) Per Capita
Em Relação ao VAI Per Capita dos Países Desenvolvidos
(VAI Per Capita a preços constantes de 1990 em US\$)

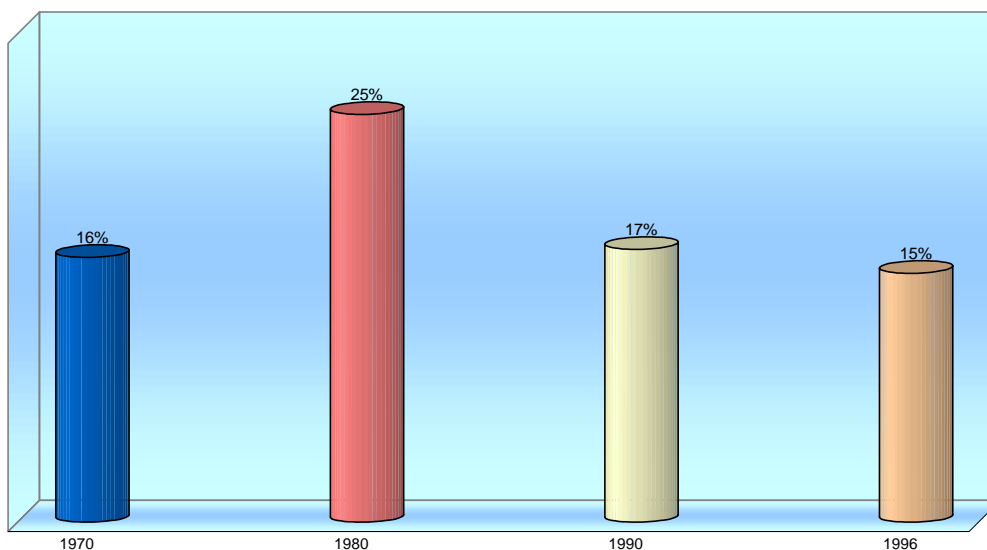


Gráfico 7

Brasil - Cinquenta Anos de Evolução do PIB Per Capita Taxa Média de Variação Anual - %

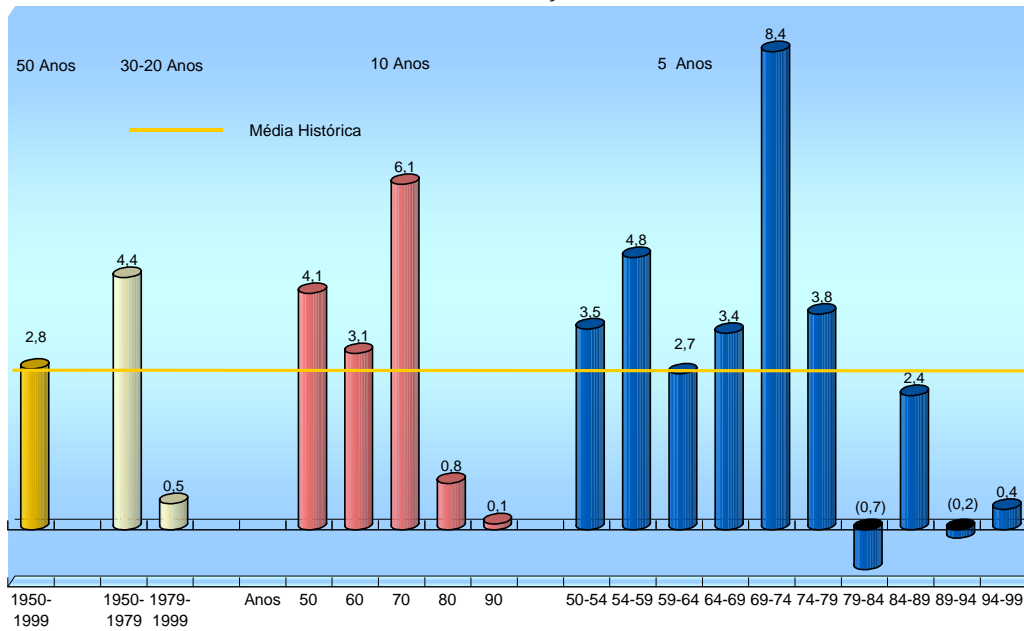


Gráfico 8

Brasil - Cinquenta Anos de Evolução da Indústria Taxa Média de Variação Anual do Produto da Indústria de Transformação - %

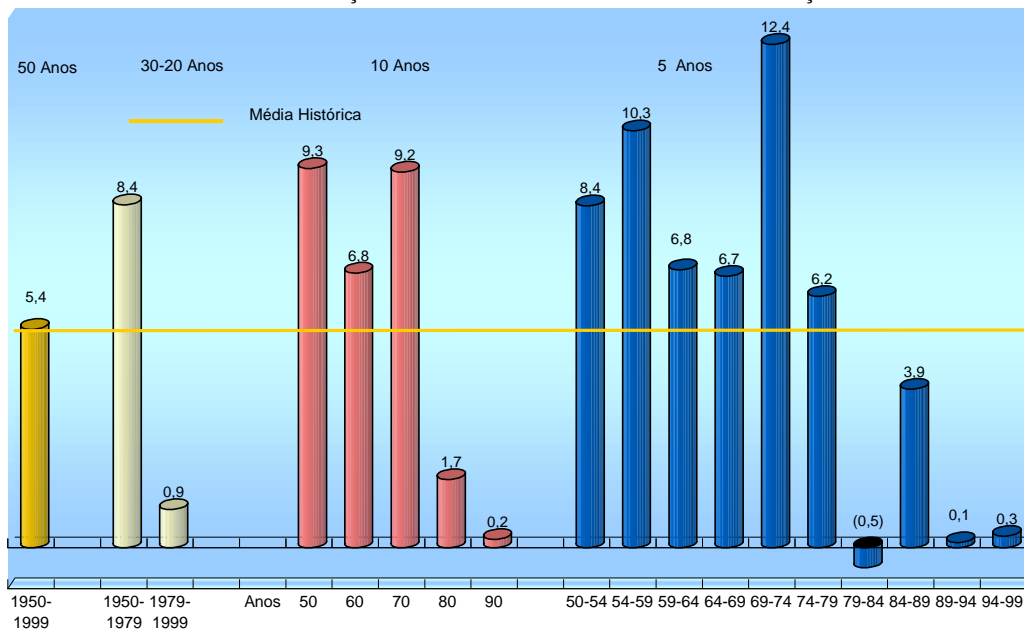


Gráfico 9

PNB Per Capita - 1997 - em US\$

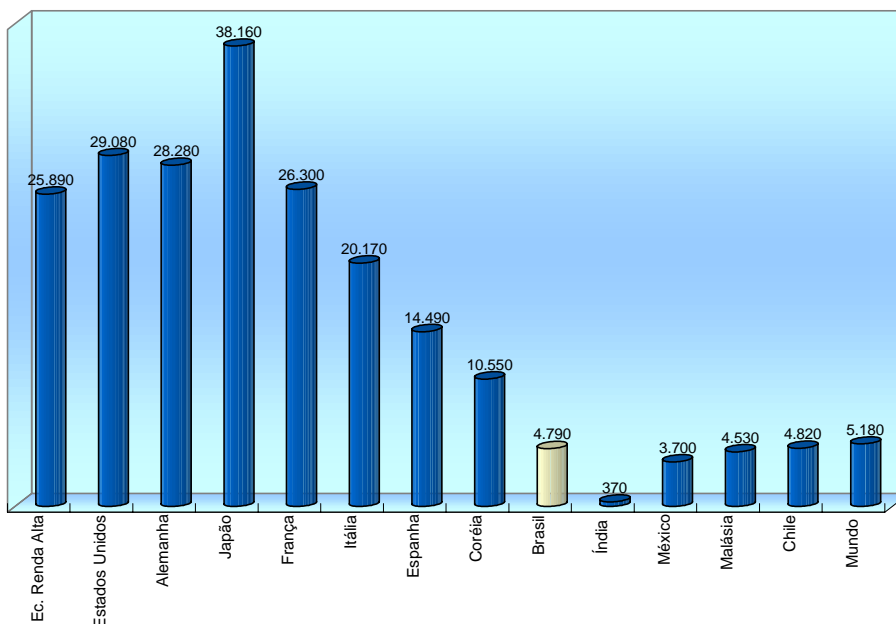
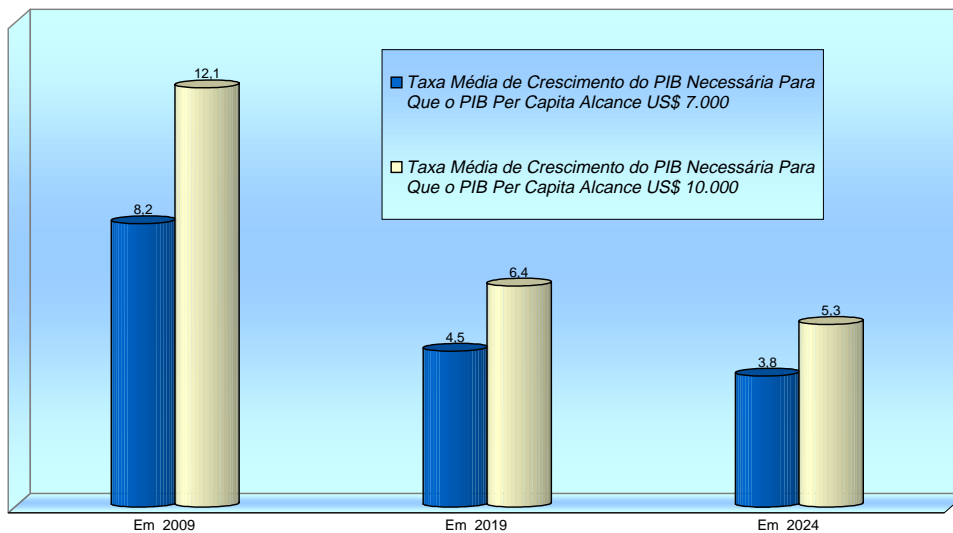


Gráfico 10

Crescimento e PIB Per Capita



Obs.: Crescimento Médio da População entre o ano 2000 e 2024: 0,95%.